

# Há vagas para adultos

A casa, o filho e o marido — era no que pensava a jornalista Lilian Daher, 35 anos, quando saía tarde do antigo emprego, situado no Setor Gráfico. Entretanto, “ao ver o Eixo Monumental como um tobogã iluminado, sentia vontade de escorregar”. Ela diz que, na briga de seu consciente com seu inconsciente, dava uma tapeada em si mesma — “estou sempre me tapeando” — mandava a razão embora e seguia em frente movida pelo coração.

“Eu escorregava com o carro na Esplanada. Levantava vôo na minha imaginação e, como dona do mundo, voava sobre o poder. Voltando do Panteão, passava por baixo da Rodoviária, desta vez, sentindo o povo acima de mim, já que eu passava por baixo dele”, explica. Em seguida, olhava para os lados, fingia que nada tinha acontecido: “Ninguém me viu. Vou embora”.

Lilian sente que “viaja no avião”. Goiana, fixou residência na cidade em 1981. A partir de 1979 teve seus primeiros pequenos/grandes contatos com Brasília. Desde então começou a observá-la: sentiu um grande prazer ao deparar-se com a sertorização — pensou — “sou superorganizada.

Brasília é organizada como eu. Tudo aqui é mais fácil”.

Ela não sabe se o que passa em sua cabeça passou também na cabeça dos criadores da cidade. Entre os inúmeros detalhes captados, recolhidos e processados pela jornalista (entre eles a disposição dos monumentos no “avião”; a forma, altura, projeção e vergadura dos postes de iluminação; diferenças na intensidade das luzes da cidade) há algo que considera especial e fica situado na Esplanada dos Ministérios: a Catedral. “Não existem apenas os Três Poderes. O maior poder é o de Deus. Sem Ele, Brasília seria inviável”, exclama.

Para ela, a idéia de JK, que concretizou o sonho de Dom Bosco, foi muito bem captada por Lúcio Costa e Niemeyer, que fizeram tudo novo. Até o jeito de ser e viver das pessoas: “Tudo aqui é supernormal”. Como exemplo cita parte de seu cotidiano, que além de incluir duas profissões — “jornalista e doméstica” — permite também uma caminhada diária de dez quilômetros pelo Eixão Norte.

Às 6h30, sai da 114 e toma seu rumo em linha reta. “Isto pode ser confirmado pelos motoristas de ônibus, amigos e colegas que passam por mim”, reforça. Vai por uma contramão e volta pela outra. “Na ida vou meditando em uma caminhada que funciona como agenda”. Lilian explica: “Ao passar por cada quadra vou lembrando

dos amigos que tenho em cada uma delas. Surgem então, em minha mente, lembranças de telefonemas que quero dar, datas de aniversário. Coisas assim”.

Na volta a viagem é outra. O movimento do Eixão aumenta. Cumprimenta os amigos que por ela passam de carro e observa o comportamento humano em geral. “Conheço os motoristas de ônibus”, diz, “tem o que brinca, o que protege e o que joga o carro em cima da gente”. Ao passar a vista por dentro dos ônibus, percebe que há quem esteja dormindo. Há também aqueles que acordam animados e dão a impressão que vêm contando uma história, para o companheiro de banco, desde Planaltina ou Sobradinho”.

Ela acrescenta que, quando os passageiros saltam, outro quadro se configura, mostrando os que descem com meninos nos braços, os que descem lendo, ou ainda sonhando. Às vezes há um atrasado, que desce correndo e atropela o que está sonhando. “Atropela a mim também”. Lilian diz que assim começa a diferenciar e respeitar os tipos de pessoas que vivem aqui. “Cada um é cada um”, confirma.

Sua afinidade com Brasília é tanta, que após dez dias fora dela já sente saudades. Quando volta e enxerga “o seu tapete de luz” sente-se aliviada: “Estou de volta à minha terra (eu adotei a cidade). Brasília mora em mim e eu moro em Brasília toda, não só no meu apartamento”. (MSS)